

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

MAIS INICIATIVA E AUDÁCIA

NA PREPARAÇÃO DO 5 DE OUTUBRO E DAS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS

As forças democráticas têm diante de si tarefas prementes de cuja realização satisfatória dependerá a possibilidade de êxitos na luta pelo derrubamento do fascismo e pela conquista das liberdades democráticas fundamentais.

Aproxima-se o 5 de Outubro uma data de grande significado nas lutas do nosso povo contra a reacção — e com ele o ponto culminante das comemorações do Cinquentenário da República; terão lugar, em princípio, em 1961, as eleições para deputados à Assembleia Nacional — e, com elas, novas perspectivas de amplas batalhas políticas contra o regime salazarista.

As forças anti-salazaristas acumularam durante longos anos uma rica experiência de luta. Essa experiência indica que não é cedo para cuidar dos preparativos que a realização de tais jornadas implica. As lições do passado mostram que, nas condições do fascismo, é preciso prever e actuar com antecipação tanto no terreno político como no da organização e no da propaganda.

Na preparação de tão importantes acções, as forças democráticas devem dar mostras de espírito criador, de iniciativa e audácia. O carácter nacional das jornadas que se aproximam exige que se desenvolva uma acção imediata igualmente no plano nacional, exige que todos os democratas sinceramente decididos aproveitem todas as possibilidades de luta contra o regime, qualquer que seja a região aonde vivam, dêem passos imediatos para unir, organizar e mobilizar, no plano nacional, regional e local, todas as forças interessadas numa mudança de regime e de política num sentido democrático.

A Unidade — tarefa inadiável

As forças democráticas só unidas poderão levar de vencida o regime salazarista. Como já o pro-

HOMENAGEM A CATARINA EUFÉMIA

Em homenagem a Catarina Eufémia, assassinada a tiro a 19 de Maio de 1954 pelo tenente Carrajola, da GNR, um rancho de 50 mulheres do Couço fizeram 2 minutos de silêncio, largando depois o trabalho. Também em Pias um rancho de 55 trabalhadores fizeram uma roda, tiraram o chapéu e fizeram um minuto de silêncio em homenagem a Catarina Eufémia. Depois disso, falaram do exemplo desta heróica lutadora. Muitos presentes choravam.

clamou o Partido Comunista, «a unidade é força e a divisão fraqueza».

Presentemente estão criadas todas as condições para a unidade das forças anti-salazaristas. O sentimento de unidade é tão forte nas massas populares que raros são os que ainda hoje defendem a discriminação entre as diversas forças de oposição a Salazar.

Importantes passos se deram já para a unidade de acção das forças democráticas e anti-salazaristas. Mas há ainda um considerável atraso entre o sentimento unitário das massas populares e a situação real no campo da unidade, há ainda reservas que constituem obstáculos a uma rápida aglutinação das forças oposicionistas.

No interesse do país e da libertação do nosso povo é imprescindível que desapareçam os ressentimentos do passado e se forge entre as forças anti-salazaristas um novo espírito de fraternidade de luta, de camaradagem de armas, sem o qual não é possível travar batalhas decisivas contra o regime.

O Partido Comunista fará tudo o que esteja ao seu alcance para chegar a um entendimento com as restantes forças anti-salazaristas, está incluso disposto a impedir que se criem nas suas fileiras obstáculos à unidade.

Mas, para fazer a unidade, é necessário um esforço recíproco de

todas as forças democráticas, um desejo sincero de todos, não apenas em palavras mas também em actos, para que se alcancem rapidamente posições vantajosas na luta contra o regime.

A organização é fundamental

As batalhas que nos esperam não são fáceis. Travá-las desorganizadas contra um inimigo que dispõe dum forte aparelho policial e armado seria condenar as forças anti-salazaristas a derrotas sucessivas.

Por isso, o problema da organização deve merecer especial atenção das forças oposicionistas. Não se trata de criar desde já uma indispensável organização unificada à escala nacional que é, todavia, indispensável, mas para a qual não estão presentemente maduras as condições. Uma tal organização colocar-se-á forçosamente no desenvolvimento da luta democrática. Da mesma forma que as grandes batalhas políticas se preparam através das mais variadas lutas e acções parciais, também uma organização nacional de unidade das forças anti-salazaristas se criará através dum esforço organizativo permanente que se desenvolva na realização das lutas e acções parciais mais variadas.

A luta pela amnistia e contra

(continua na 2.ª pág.)

O COLONIALISMO ESTÁ A ARDER OS ACONTECIMENTOS DO CONGO E A POLÍTICA COLONIALISTA DE SALAZAR

Salazar disse há tempos que «a África inteira arde». Os acontecimentos que se têm desenrolado, no decorrer deste ano, em todo o Continente Africano, dizem-nos que não é a África que arde, mas sim o colonialismo odioso que está a arder — a arder irremediavelmente e para sempre, que dele nada mais restará, dentro em breve, do que cinzas.

Nos primeiros sete meses deste ano 6 antigas colónias africanas transformaram-se em Estados independentes: Togo, Congo Belga, Somálias, Federação do Mali, Madagascar e Gabão. Dois terços do imenso Continente Africano estão já total ou parcialmente libertos da vergonhosa dominação colonialista. Entretanto, prossegue com redobradas energias a luta libertadora na Argélia, no Kénia, na África do Sul e nas colónias portuguesas.

Os acontecimentos do Congo e a posição do governo de Salazar

Os acontecimentos sangrentos

ocorridos na República do Congo mostram bem claramente como os colonialistas se agarram teimosamente às suas antigas posições e não duvidam recorrer a vís provocações e à agressão armada para tentarem impor aos povos libertados a velha ordem de coisas colonialista.

Depois de terem sido forçados pela luta dos povos a reconhecerem solenemente a independência do novo Estado africano do Congo, os imperialistas belgas não duvidaram em fomentar provocações contra as tropas africanas, em insultar o governo independente e, depois, em recorrer à agressão armada contra o valente povo congolês com o envio de tropas paraquedistas belgas. Não contentes com isto, os imperialistas belgas, servindo-se de traidores africanos a seu soldo, procuram provocar uma divisão no país, com uma pseudo-independência do Katanga, região particularmente rica em minérios e explorada por poderosas empresas americano-belgas.

Como sempre, desde que se trate

HÁ 15 ANOS

ALEX CAIU VARADO PELAS BALAS

(NO MESMO DIA, E HÁ 18 ANOS, TOMBOU FERREIRA SOARES)

Destemido, desbordante de entusiasmo e abnegação revolucionária, símbolo do heroísmo popular na grande luta nacional anti-fascista, Alfredo Dinis «Alex», membro do Comité Central do P. C. P., tombou para sempre naquela manhã de 4 de Julho de 1945, sob as balas assassinas dos facinorosos da PIDE.

A sua jovem vida, da qual a classe operária e o seu país tanto tinham ainda a esperar, foi premeditada e friamente suprimida pelo bando José Gonçalves-Gouveia, sob as ordens criminosas do governo fascista de Salazar.

Alfredo Dinis era o tipo do dirigente operário inteiramente devotado à causa dos trabalhadores e do povo, modesto, mas com uma confiança ilimitada nas massas populares e nas suas próprias possibilidades.

Ligados ao nome de «Alex» estão algumas das mais brilhantes realizações e lutas dos trabalhadores portugueses e do Partido Comunista, que ele amava mais do que a própria vida.

Como um dos mais esforçados obreiros do seu Partido «Alex» deu o melhor das suas energias ao desenvolvimento das organizações de Lisboa, do Ribatejo e da Margem Sul do Tejo e das importantes lutas populares que tiveram lugar nestas regiões no período de 1942 a 1945.

As grandes greves de Novembro de 1942, de Julho-Agosto de 1943, de 8 e 9 de Maio de 1944, assim como as potentes manifestações de vitória em 1945 estão estreitamente ligadas à sensibilidade política e ao trabalho tenaz de «Alex».

Ao recordar o seu assassinato, o «Avante!» lembra o nome dos seus assassinos para que o povo os não esqueça.

Evocar a memória de Alfredo Dinis é apontar o seu exemplo de firmeza, honradez e constância revolucionárias a todos os quadros do nosso Partido, é exaltar a sua abnegação e tenacidade em defesa do Partido, da classe operária e da Pátria.

Também há 18 anos, no mesmo dia 4 de Julho, o médico comunista Ferreira Soares foi ceifado com 14 balas de metralhadora pelos bandidos da PIDE. Recordemo-lo.

(continua na 2.ª pág.)

(continuação da 1.ª pág.)

potências imperialistas, os imperialistas belgas, ajudados pelos americanos e fascistas portugueses, teriam esmagado a independência do novo Estado e feito correr rios de sangue. A intervenção da O. N. U., após a reunião do Conselho de Segurança, deve-se à enérgica posição dos delegados da URSS e da Polónia e teve como objectivo, por parte das potências imperialistas, evitar o envio, fora do seu controlo, de tropas dos Estados independentes africanos e asiáticos para o Congo.

Os acontecimentos do Congo emocionaram profundamente as massas da população africana e a opinião pública mundial, vieram animar a luta dos povos da África, ainda dominados pelas potências imperialistas, para a conquista da independência nacional.

Nas colónias portuguesas a luta das populações escravizadas vai ganhando corpo de dia para dia, como o testemunham a existência de dois movimentos nacionalistas em Angola, um em Moçambique, dois na Guiné e outros dois em Cabo Verde. Na República do Congo encontram-se perto de um milhão de africanos fugidos de Angola que, neste momento, sentem nascer novas energias e novas esperanças de libertação da sua terra natal. Os movimentos patrióticos das colónias portuguesas são encabeçados e coordenados pela Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRANIN). A imprensa diária oculta ao nosso povo numerosos conflitos da população africana com as forças armadas e autoridades salazaristas e procura dar-nos um quadro idílico e profundamente falso do colonialismo português.

Para onde nos conduz Salazar?

A insensata e odiosa política colonial de Salazar está fora de todas as realidades e condenada de antemão a um fracasso total. Para servir os interesses gananciosos das grandes empresas roceiras em África — e os interesses particulares de alguns ministros a elas ligados! — Salazar recusa-se teimosamente a conceder a independência aos povos coloniais dominados por Portugal e a integrar-se no concerto das outras nações capitalistas que, devido à luta dos povos, concederam já a independência a várias das suas antigas colónias, como é o caso da Inglaterra, da França, da Holanda e da Bélgica.

Salazar recusa-se a ouvir a opinião pública mundial e a compre-

ender a nova era em que entramos. Ele só ouve e compreende os interesses sórdidos das grandes empresas roceiras: duma C. U. F., por exemplo, cujo gerente na Guiné provocou o fuzilamento pelas tropas portuguesas de 50 portuários africanos em greve e de que um dos «homens-de-palha» e portavoz — o Eng.º Daniel Barbosa — ainda há dias defendia, em gritaria histórica, posições de força nas colónias, em artigo de fundo publicado no «Diário de Notícias».

Para tentar dominar as populações africanas, o governo de Salazar continua a enviar forças militares e policiais para as colónias. Recentemente seguiram para a Guiné uma companhia de Caçadores 5 e um esquadrão de Cavalaria 3 e, para Angola, seguiram várias companhias de Caçadores 3 e 5 e devem seguir dentro de dias o Batalhão de Paraquedistas, forças da Aviação e elementos militares dos serviços de comunicações. Oficiais do Exército, que agora seguiram, estiveram em missão de «especialização» na luta armada contra os povos africanos na Argélia e no Kénia.

Diz, com razão, o nosso povo que «*Quem semeia ventos, colhe tempestades*»; os frutos amargos da política colonialista de Salazar far-se-ão sentir doiradamente, e talvez dentro em breve, para todo o povo português. Isto, porque não há forças capazes de travarem a marcha dos povos africanos para a independência — e muito menos será a força do decrepito Estado Novo salazarista que o podera conseguir!

Entretanto, centenas ou milhares de patriotas africanos agonizam nos campos de concentração do Bié e da Baía dos Tigres, ou no sinistro Forte Roçadas. Matilhas, com centenas de agentes da PIDE, percorrem Angola e as outras colónias numa

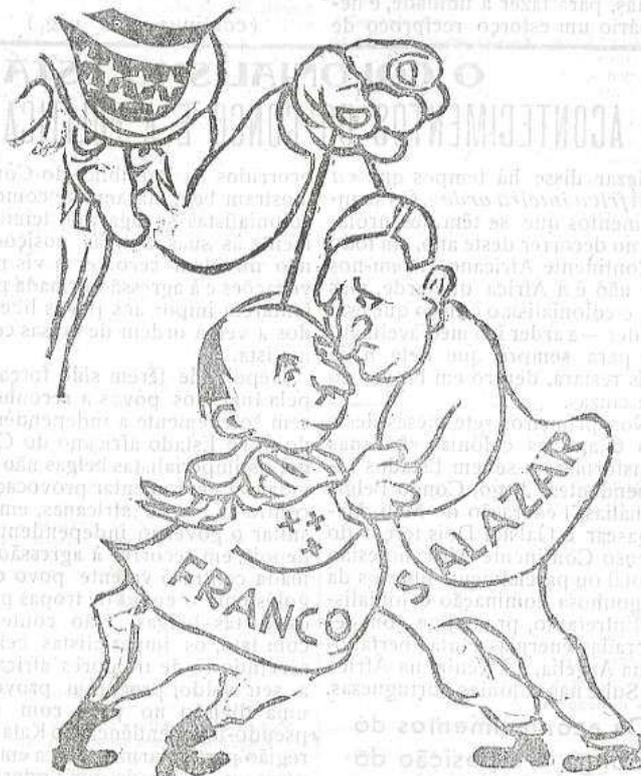
luzereja de repressão feroz e tornam assim cada vez mais odiada a presença dos portugueses. Há poucas semanas, foram presos mais 50 patriotas em Angola, entre eles o Padre Pinto de Andrade, Agostinho Neto e Diógenes. Agostinho Neto foi insultado e agredido quando lhe assaltaram a casa e o Padre Pinto de Andrade veio preso para Lisboa. Na Guiné foram presos mais 10 patriotas e de Timor vieram mais 12 presos para o Forte Roçadas. Dezenas de presos, europeus e africanos, que faziam parte do processo julgado há pouco em Luanda, foram condenados a pesadíssimas penas, atingindo algumas 20 anos de prisão. Os agentes da PIDE assaltaram as casas dos africanos moradores no bairro dos Muceques, nos arredores de Luanda, e destruíram e queimaram numa grande fogueira todos os aparelhos de rádio que os moradores possuíam, para tentarem desta forma evitar que eles possam saber o que se passa nos outros territórios africanos e no mundo.

Lutemos todos contra a insensata política do governo de Salazar!

A classe operária portuguesa, como força de vanguarda na vida social portuguesa, como classe cujos interesses e futuro não estão ligados de forma alguma à opressão e dominação dos povos coloniais, tem de lutar por todas as formas contra esta criminosa política colonialista. Não podemos consentir por mais tempo que os nossos irmãos de classe, que os trabalhadores que têm a pele da outra cor e vivem em outros continentes, sejam bárbaramente tratados, se sintam ferozmente explorados e oprimidos. Nós, que sabemos o que é a opressão e exploração dos capitalistas, devemos estender preferencialmente a nossa mão à luta heróica desses povos pela sua independência e ajudá-los a conquistarem uma pátria livre e a construírem um futuro melhor. Este é um dever imperioso para a classe operária e para todos os trabalhadores portugueses, para todos os cidadãos conscientes.

A classe operária, todos os portugueses honrados, devem organizar desde já manifestações de protesto contra a agressão dos imperialistas belgas ao Congo e contra o envio de mais tropas portuguesas para as colónias (como fez há tempos a população de Beja), devem procurar consciencializar pessoas de todas as condições sociais sobre os perigos que ameaçam a paz mundial e o povo português e fazer-lhes compreender a justiça da luta dos povos coloniais pela sua independência. Essa é uma grande missão do proletariado português, em primeiro lugar, e de todos os portugueses honrados e patriotas, em seguida.

O Abraço de Mérida



— Tu seguras-me a mim, eu seguro-te a ti, ele segura-nos aos dois...

Por todos os lados a vida vai muito má para os trabalhadores, mas pior ainda para mais de 1.100 operários que trabalham na União Tomé Feteira, na Vieira de Leiria. Os patrões, que aqui há vinte anos eram pequenos industriais, são hoje grandes fascistas e têm uma fortuna de muitas dezenas de milhares de contos e até mandaram dinheiro para bancos no estrangeiro. Como arranjaram eles esta grande fortuna? Pagando aos seus operários salários de 22\$00, 24\$00 e 28\$00. O salário mais alto que aqui se ganha é de 32\$00 e é para os encarregados! Um operário temperador com 25 anos de casa ganha só 28\$00 e um operário-chefe com 11 anos de casa a miséria de 26\$00! Se reclamamos mais salário, ameaçam-nos logo com o despedimento e com a polícia. Os operários que votaram no Humberto Delgado foram despedidos à medida que eles souberam, pois tem uma rede de bufos dentro da fábrica. Se nos queixamos ao nosso sindicato, aqui na Vieira, não nos atendem, porque estão debaixo da mão dos patrões. Camaradas, se não nos unirmos, tal como fizeram os vireiros da Marinha Grande, nós não conseguiremos vencer esta exploração e libertar-nos desta miséria.

AINDA SOBRE O 1.º DE MAIO

Continuam chegando à redacção do «Avante!» novas notícias sobre as comemorações do 1.º de Maio em vários pontos do país.

Na concentração dos operários têxteis de GUIMARÃES no Sindicato juntaram-se cerca de 300 operários (e não 100 como haviamos comunicado). Estes trabalhadores ocuparam o Sindicato e aí dirigiram duras críticas à política de abandono do ministro das Corporações.

Depois, aos gritos de «Todos contra o governo!» abandonaram o Sindicato e ganharam as ruas.

Também em SINES, apesar da chuva, 150 operários, pescadores e outros trabalhadores confraternizaram na praia e depois no campo.

MAIS INICIATIVA...

(continuação da 1.ª pág.)

a repressão, a luta contra o envio de tropas expedicionárias e a preparação de guerras coloniais, a luta por eleições honestas nos sindicatos nacionais, a luta por um recenseamento honesto e fiscalizado e outras, devem ser acompanhadas de formas de organização apropriadas, da formação de comissões democráticas de vários tipos que se transformem depois em organismos permanentes de unidade.

Organizar, organizar, — eis uma consigna fundamental do momento.

Elevemos a combatividade popular

Nas rudes batalhas que esperam as forças anti-salazaristas, é indispensável despertar e cultivar a abnegação e o heroísmo populares, tantas vezes evidenciados na nossa rica história nacional.

A luta contra um regime monstruoso, que não recua perante o arbítrio e o crime, exige um grande espírito de abnegação e de sacrifício, uma combatividade e coragem moral a toda a prova.

Aqueles que ao longo da ditadura fascista têm sabido enfrentar as perseguições mais atrozes, por vezes a prisão e as torturas, mantendo uma corajosa e intransigente posição de luta contra o regime, quer sejam republicanos ou monárquicos, católicos ou socialistas, merecem a nossa admiração e respeito e devem ser apontados como exemplo de consequência política.

Fazer que tais exemplos se multipliquem, que cada vez um maior número de portugueses se disponham a enfrentar e travar as mais duras batalhas contra o inimigo fascista, é também um trabalho necessário que se impõe a todos os democratas e anti-salazaristas portugueses.

EM TORRES NOVAS OS OPERÁRIOS LUTAM

Os operários de uma empresa metalúrgica de Torres Novas (Casa Nery), após meses de demarches e reclamações que culminaram com uma concentração massiva junto da gerência, conseguiram um aumento geral de salários de 4\$00 em média.

Este aumento que é o resultado da unidade e da luta dos operários da Casa Nery, representa já uma importante vitória mas não corresponde àquilo que os operários reclamavam e esperavam da empresa.

É IMPERIOSO SALVAR A VIDA DOS PATRIOTAS PRESOS!

É IMPERIOSO LUTAR PELA AMNISTIA!

1.850 ASSINATURAS RECOLHIDAS NO GOUÇO!

O problema da repressão fascista no nosso país assume uma tão grande gravidade que reclama uma pronta e vasta acção em defesa das vidas de centenas de prisioneiros anti-salazaristas. Todos os anos dezenas e dezenas de assalariados industriais e rurais passam pelas prisões da PIDE e da GNR. Todos os anos dezenas de democratas vêm as suas casas assaltadas e devastadas, a sua vida interrompida pela prisão e pelas represálias governamentais. A PIDE tem poderes discricionários e actua à solta de norte a sul do País. Os portugueses vivem na maior insegurança.

Nos cárceres salazaristas

Os que corajosamente se levantam para quebrar as grilhetas são presos e torturados. Homens, mulheres e jovens são arrancados do seio das suas famílias e condenados a longos anos de prisão.

Só em Peniche encontram-se agora 50 patriotas cujas penas ascendem a 200 anos! Nesta cadeia as condições prisionais que sempre foram desumanas agravaram-se ultimamente. Os presos são vexados a pretexto de tudo e de nada, as visitas em comum foram proibidas. No parlatório, além da parede de vidro que separava os presos das visitas, colocaram mais uma rede de malha fina até ao tecto. A entrada de certos jornais diários foi proibida e os que entram sofrem nova censura da cadeia, que corta certas notícias. Quer dizer, um preso não pode beijar um ente querido, não pode ler os jornais que se publicam no País.

Os fascistas roubam aos patriotas encarcerados aquele pouco de convívio humano que numa prisão se pode ter.

Em Peniche encontram-se destacados filhos do povo que já há muito cumpriram a sua pena, como Manuel Rodrigues da Silva (terminou a pena em 1958) e Manuel Guedes (terminou a pena em 1959), membros do CC do Partido Comunista.

Em Coxias estão 12 mulheres, quase todas gravemente doentes, privadas de uma adequada e urgente assistência médica. Uma delas, Maria Ângela Vidal, é a mulher que mais anos conta nas prisões fascistas. Há 7 anos presa e muito doente, Maria Ângela, segundo a opinião dos próprios médicos indicados pela PIDE, não poderá tratar-se enquanto não for posta em liberdade, tal o esgotamento nervoso e o debilitamento geral da sua saúde.

Em vez de salvaguardar a vida dos presos, a PIDE toma medidas de excepção para a aniquilar.

Outros patriotas e destacados membros do Partido Comunista, como José Magro, Afonso Gregório, Sofia Ferreira, Carlos Aboim Inglês, Alda Nogueira, José Vitoriano, Joaquim Carreira, Carlos Brito, Aida Paulo, Rolando Verdial, Hermenegildo Ramos, Aida Magro, Ivone Dias Lourenço, António Santo, Luisa Paulo, Maria da Piedade Gomes, Domingos Abrantes, Adelaide Aboim Inglês, Armando Jubileu, Rolim, como a

médica católica Maria Luísa da Costa Dias e ainda outros democratas e patriotas cumprem pesadas penas ou aguardam julgamento há longos meses e anos.

Nestes homens, mulheres e jovens, o fascismo condena o heroísmo, a lealdade e o amor da Pátria de que deram provas. Os criminosos condenam os que põem a honra acima da própria vida.

Julgamentos?

Serão de facto julgamentos o que se está a fazer nos tribunais plenários? De modo nenhum. São monstruosidades. Dos jornais dos últimos 5 meses tirámos estes números que falam: Condenados—103, medidas de segurança—123 anos, perda de direitos políticos por 725 anos, pena maior de 138 anos.

As sentenças são ditadas pela PIDE a juizes subservientes, que não autorizam que os réus se defendam (destaca-se o juiz Caldeira), que praticamente impedem os próprios advogados de se desempenharem da sua missão. Ilegal e vergonhosamente tentam impôr o parlatório aos advogados para contactarem com os seus constituintes.

Ilegal e vergonhosamente expulsam os réus do tribunal, como sucedeu a Sofia Ferreira, António Santo, Joaquim Carreira e outros.

Ilegal e vergonhosamente realizam julgamentos sem que acusado e defensor pudessem avistar-se uma única vez, como sucedeu a Aida Paulo e Luísa Paulo.

Ilegal e vergonhosamente fazem os julgamentos quase às escondidas, em acanhadas salas que, ainda por cima, enchem com agentes da PIDE e da PSP à paisana! No julgamento dos oficiais presos que se realiza no Tribunal Militar de Santa Clara, a sala é sistematicamente ocupada por agentes da PIDE que provocam os presos famílias e advogados.

Não são tribunais, são agências da PIDE.

É imperioso lutar pela amnistia

Esta situação intolerável de repressão não melhorará sem a intervenção activa do povo, antes continuará a agravar-se com o refinamento do fascismo. Salazar e a PIDE só não têm cometido mais crimes, porque, apesar de todas as mordagens, o nosso povo se tem erguido heróicamente em protestos e acções de vária ordem, e porque internacionalmente, correm mundo as atrocidades salazaristas e se de-

envolve um poderoso movimento de solidariedade e pró-amnistia aos presos e exilados políticos portugueses.

A amnistia a todos os presos e exilados políticos exige de todas as pessoas honradas, seja um simples gesto de apoio, seja a sua assinatura, seja a sua participação persistente na luta junto das autoridades.

O magnífico exemplo dado pela população do Couço (Alentejo), que recolheu para um documento pró-amnistia cerca de 1.850 assinaturas, é uma prova clara das possibilidades que existem de mobilizar largas massas do povo contra a repressão fascista e pela Amnistia.

Não estamos sós. A 1.ª Conferência Sul-Americana foi um êxito. Centenas e centenas de destacadas individualidades e pessoas simples de 14 países deram a sua adesão à Conferência. A 2.ª Conferência deverá realizar-se ainda este ano.

Em Paris, acaba de formar-se um Comité de Defesa das Liberdades Democráticas em Portugal, que se propõe editar um boletim regular, fazer conferências e entrevistas com o fim de denunciar o terror que reina em Portugal.

Para a libertação dos patriotas presos, para que cesse o terror tem

incalculável valor a solidariedade internacional, mas ela só não basta, o valor do nosso próprio esforço é que será o decisivo.

Daqui lançamos um novo apelo a todos os homens e mulheres honrados, a todos os jovens, para que formem comissões de amnistia actuaes e dinâmicas, capazes de mobilizarem os mais amplos e diversos sectores numa verdadeira campanha de luta. Daqui apelamos mais uma vez para que se intensifique a campanha internacional pela Amnistia aos presos políticos portugueses.

Que as paredes das nossas cidades, vilas e aldeias se cubram de inscrições. Que milhares de cartas, exigindo uma rápida melhoria das condições prisionais, sejam dirigidas à Direcção Geral dos Serviços prisionais e aos Ministérios do Interior e da Justiça. Que milhares de petições, com milhares de assinaturas, cheguem à Assembleia Nacional, e outras entidades, reclamando a Amnistia para todos os presos e exilados políticos.

Leitor amigo! O pagamento do «Avante!» é essencial para a sua publicação regular!

A VINDA DO PRESIDENTE KUBITCHEK NÃO É UM ACTO AMISTOSO PARA COM O NOSSO POVO

Em qualquer altura, mas com motivos diversos, dos que agora trazem a Portugal o Presidente Kubitchek de Oliveira, a sua visita, como a de qualquer outro estadista da grande nação irmã seria saudada com entusiasmo e alegria por todo o nosso povo. Os laços que unem os dois povos irmãos do Brasil e Portugal são suficientemente profundos para que tais manifestações sejam possíveis e desejáveis.

O povo português não pode esquecer que foi devido à intervenção pessoal do Presidente Kubitchek que foi possível realizar a 1.ª Conferência dos países da América Latina para a Amnistia em Portugal e Espanha, que teve uma lar-

ga repercussão no nosso país e no mundo, e ainda que o governo brasileiro tem dado guarida aos portugueses que, por motivos políticos, buscam acolhimento no país irmão.

Entretanto, no presente momento, a vinda do Presidente Kubitchek a Portugal onde, identificado com os ditadores salazaristas fará as «honras da casa» na recepção às delegações estrangeiras que participam nas comemorações henriquinas, não é um acto amistoso para com o povo português. É antes uma ajuda política aos seus opressores fascistas. O Presidente Kubitchek não quis ouvir os apelos de numerosos representantes oposicionistas portugueses e de largos sectores da opinião pública brasileira, para que recusasse o convite do governo fascista para visitar Portugal.

O nosso povo desejava ver apenas no Presidente Kubitchek o representante dum povo amigo e fraterno, o brasileiro que facilitou a grande jornada de S. Paulo contra a repressão fascista em Portugal. Mas o apoio indirecto que vem prestar aos inimigos da democracia portuguesa no poder não é de molde a favorecer um acolhimento entusiástico por parte do nosso povo.

Assim, a presença do povo português nas manifestações ao Presidente da República do Brasil, outro significado não terá que o seu apoio à Conferência de S. Paulo e a exteriorização da sua fraternidade pelo povo da nação irmã.

Morreu Harry Pollit

No dia 27 de Junho do ano corrente faleceu o camarada Harry Pollit, filho querido do povo inglês e destacado membro do movimento operário internacional.

Harry Pollit, que tinha 70 anos de idade, era Secretário Geral do Partido Comunista da Inglaterra desde Setembro de 1929 e consagrou o melhor da sua vida à defesa dos interesses da classe operária, à luta pela conquista do Socialismo e da Democracia, à defesa da Paz.

Ele precisou repetidamente os objectivos do seu partido, que eram também os seus objectivos supremos: «a conquista do poder pela classe operária, a abolição

do capitalismo, a introdução de uma nova ordem social. Da compreensão desta tarefa» — dizia ele — «resulta a nossa política actual e os nossos métodos, com a necessidade dum a luta unida por melhores salários, pela paz, pela independência nacional e pelo caminho para o Socialismo».

O Partido Comunista Português inclina sentidamente as suas bandeiras ante a memória deste destacado lutador da classe operária inglesa e expressa ao Partido Comunista da Inglaterra a sua dor pela perda deste seu destacado dirigente e grande filho do povo inglês.



UMA GREVE DOS TIPOGRAFOS DO «DIÁRIO DO MINHO»

BRAGA — O exemplo vem de cima e é verdade. A imoralidade do regime manifesta-se de várias formas e no caso presente nos elementos responsáveis da União Nacional de Braga, que têm a seu cargo a publicação de um pasquim fascista, que empareceira com a «Voz» e «Diário da Manhã» e que se intitula «Diário do Minho». Pois o «Diário do Minho», apesar da ajuda económica que recebe e que lhe vem das finanças do Estado, não pagava havia quase dois meses aos operários que ali trabalhavam, apesar destes, por várias vezes, terem reclamado o seu dinheiro. A estes justos pedidos respondiam com promessas. Até que os operários, cansados e desesperados, com tamanha desonestidade resolveram fazer greve. O jornal deixou de se imprimir. Perante o escândalo que esta firme atitude provocou em toda a cidade de Braga, os

UMA LUTA NA WICANDER

Na fábrica Wicander, do Seixal, os patrões succos recusaram-se a aumentar os corticeiros, mas os serralleiros, depois de terem ameaçado estes exploradores do trabalho dos portugueses de abandonarem o trabalho para irem para outra empresa, obtiveram aumentos de 10, 9, 6, 4 e 3 escudos.

corifeus do fascismo tentaram ainda um último esforço: pagar apenas uma parte do dinheiro que deviam, mas os operários recusaram um tal compromisso: ou lhe pagavam tudo ou eles continuavam em greve. E foi a unidade e a combatividade de que deram provas que levou estes dignos representantes do fascismo a pagar o que deviam.

A firme posição dos tipógrafos de Braga deve servir de exemplo para os outros trabalhadores, pois unidade e firmeza são condições indispensáveis da vitória.

LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

No Cartaxe, onde por tradição a jorna dos gadanheiros era feita acrescentando 10 escudos à jorna dos ceifeiros, e como esta fosse este ano mais baixa, os gadanheiros resolveram não trabalhar por menos de 60 escudos, acabando por conquistá-los.

Em Sines, onde a luta pelo horário das 8 horas se mantém acesa, algumas acções vitoriosas têm sido levadas a cabo. Um rancho de mulheres que fazia a monda para o proprietário José da Eija, como este quisesse obrigá-las a trabalhar mais do que as 8 horas, abandonaram o trabalho ao fim deste período.

O proprietário teve de aceitar o horário imposto pelas mondadeiras. Em Ermidas, devido à acção dos trabalhadores contra as empreitadas, e depois de vários deles terem abandonado o trabalho nestas condições, foi conseguido acabar com esta forma de exploração.

Em Aviz, os «agregados» do agrário José Braga reclamaram e alcançaram o aumento das jornas de 20 para 22 escudos.

Em Vele de Vargo, um rancho de ceifeiros por conta do agrário José Lopes reclamou 30\$00, rejeitando a jorna de 27\$00 que o agrário queria pagar-lhes. Depois de abandonarem o trabalho, a meio da semana, acabaram por conseguir a jorna pedida.

No Couço, um rancho de 30 mulheres que trabalhava nos arrozais da Herdade das Faias reclamou a jorna de 32\$50, em vez de 27\$00 que o patrão queria pagar-lhes. Como este recusasse, foram-se embora. No dia seguinte foram chamadas pela jorna que reclamaram. A GNR fez provocações contra os trabalhadores, ameaçando-os de prisão.

No ESCOURAL, um rancho de 50 mulheres que andavam nos arrozais, reclamaram e conseguiram o aumento das jornas de 15 para 18\$00.

Em SARILHOS GRANDES, os trabalhadores agrícolas desta região recusaram-se quase todos a arrancar batata pelos 40\$00 que os lavradores queriam dar e exigiram 70\$00 por dia. Como os lavradores recusassem, os trabalhadores foram para o Montijo, onde ganharam jorna de 65\$00, 70\$00 e alguns mesmo 80\$00. Os lavradores de Sarilhos tiveram de meter mulheres para apanhar a batata.

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS DO ALENTEJO E RIBATEJO: os exemplos de lutas recentes que aqui apontamos mostram-vos que é o caminho da luta unida e organizada que poderá melhorar alguma coisa as vossas condições de vida! Melhores salários, horários de trabalho e melhores condições de vida só se podem conseguir com uma luta constante! E da vossa unidade e da vossa organização que dependem as vossas futuras vitórias.

EM ALPIARÇA OS TRABALHADORES Lutam contra a fome e a repressão

Quando das últimas cheias que causaram em Alpiarça grande crise no meio rural, com a falta de pão em muitos lares, os trabalhadores foram junto do Presidente da Câmara reclamar trabalho ou pão. Este deu trabalho apenas a meia dúzia quando os desempregados eram centenas. De novo, os trabalhadores se concentraram reclamando providências para todos, intervindo, então, o comandante do posto da G.N.R., Francisco Pires, com soldados armados, no sentido de intimidar os trabalhadores. As razões expostas por estes, respondeu o sargento Pires com ameaças, gritando: — «O que vocês querem é que eu mate um ou dois para resolver isto!»

Esta provocação do sargento Pires, o mesmo que há dez anos comandava a força da GNR que assassinou o jovem ALFREDO LIMA, causou a maior indignação e repulsa entre os trabalhadores e o povo de Alpiarça que dirigiram ao Governador Civil de Santarém uma exposição coberta por centenas de assinaturas reclamando providências contra as grosseiras provocações deste assassino do povo.

CENTENAS DE OPERÁRIOS SEM TRABALHO TRÊS FÁBRICAS FECHARAM AS PORTAS EM OLHÃO

A crise da indústria conserveira atinge duramente os operários conserveiros de Olhão, que vivem momentos difíceis, e também alguns industriais. Depois de nos dois últimos meses terem encerrado 4 fábricas, outras 3 (Empresa Mercantil de Pesca, João da Costa e Gilberto Trabuco) abriram falência e fecharam também as suas portas. Espera-se que mais 7 fábricas sigam o mesmo caminho. Com o encerramento das últimas 3, ficam sem trabalho MAIS 60 OPERÁRIOS E 400 OPERÁRIAS, a quem os patrões não querem pagar os 150 dias da lei, mas apenas 30 dias.

Reina a maior miséria na classe conserveira de Olhão. Centenas de operários e operárias conserveiros têm-se concentrado no Sindicato reclamando trabalho e as indemnizações a que têm direito.

O governo apenas enviou, para acudir à desgraçada situação dos conserveiros de Olhão, 20 contos, enquanto chovem as provocações e ameaças da PIDE. O Governador Civil de Faro, em vez de enviar pão, ameaça enviar forças da G. N. R. contra os desempregados famintos.

Só a estreita união de todos os conserveiros de Olhão e de todo o Algarve poderá fazer frente à ofensiva do grande patronato e do governo contra as suas magras possibilidades de emprego. É necessário organizar comissões de desempregados bastas, pressionar as autoridades, os patrões, o Sindicato, não afrouxar num só momento na luta pelo pão e pelo trabalho, exigindo para já um subsídio de desemprego ou o subsídio que recebem durante o defeso.

RECONQUISTAR AS LIBERDADES SINDICAIS e actuação unida nos sindicatos

PASSOS DECISIVOS PARA A DEMOCRACIA

E PARA UMA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES

Todos nós sabemos, através dum dura e longa experiência, que o governo fascista de Salazar nos roubou as liberdades sindicais, que em Portugal há 26 anos que não há Sindicatos Livres.

Ao roubar à classe operária as liberdades sindicais e o direito à greve, o governo fascista não somente arrancou das mãos dos trabalhadores portugueses a sua principal arma de defesa contra a exploração patronal e para uma melhoria das suas condições de vida, como vibrou um profundo golpe na sua unidade, na formação da sua consciência de classe e nas liberdades democráticas fundamentais dos cidadãos portugueses.

A luta do proletariado português pela reconquista das liberdades sindicais, pelo direito a poder organizar-se livremente e recorrer à greve para defesa dos seus interesses de classe, é também um passo decisivo para a democratização da vida nacional. A conquista da Democracia, a marcha para uma nova ordem social e para o Socialismo têm de se fazer através da reconquista das liberdades sindicais pela classe operária. O proletariado revolucionário português tem um papel de vanguarda a desempenhar na vida nacional, quer na reconquista dos seus direitos sindicais, quer na democratização da vida nacional, quer na construção duma nova sociedade.

Entretanto, a classe operária não se pode alhear dos Sindicatos Nacionais, tem de procurar fazer deles instrumentos de luta na defesa dos seus interesses imediatos.

Que papel poderão desempenhar os Sindicatos na luta dos trabalhadores portugueses por um aumento geral dos salários e ordenados?

Todos nós sabemos que a maioria dos Sindicatos, para onde descontamos obrigatoriamente e que dispõem de dezenas de milhares de contos e de boas sedes, não têm vida sindical, estão na sua maioria completamente abandonada pela classe operária e pelos outros trabalhadores. Todos sabemos que certas assembleias gerais se fazem à porta fechada e só com a comparação da direcção e de mais meia dúzia de sócios amigos ou conhecidos dos dirigentes, que tudo aprovam, até mesmo os roubos dos fundos sindicais...

Todos nós sabemos que há direcções de Sindicatos vendidas ao patronato ou que tomaram atitudes de completa submissão perante os dirigentes do I. N. T. e autoridades salazaristas, que não defendem os interesses dos trabalhadores sindicados e se consideram simples funcionários do I. N. T.

Todos nós sabemos que a maioria dos Contratos Colectivos foram elaborados e assinados sem participação ou conhecimento prévio dos trabalhadores, que eles estabelecem salários de fome, que em nada ou quase nada têm servido os interesses das classes trabalhadoras.

Tudo isto é verdade! Tudo isto é assim! Mas também é igualmente verdade que a longa experiência destes 25 anos de falta de liberdades sindicais ensinou muita coisa

à classe operária portuguesa. Ela aprendeu, através da sua própria experiência, que é possível fazer dos Sindicatos Nacionais instrumentos da sua defesa, que é possível fazer das suas direcções, direcções combativas, que é possível alcançar Contratos Colectivos favoráveis aos trabalhadores. Centenas e centenas de exemplos positivos, no decorrer destes 26 anos, provam-nos que, mesmo sem as liberdades sindicais, os trabalhadores portugueses podem e devem fazer dos seus Sindicatos forças capazes de servirem os seus interesses de classe, de lhes garantirem melhores condições de vida.

Que é então preciso fazer? Que nos ensina a experiência?

Em primeiro lugar, é preciso virarmos a cara bem de frente para os Sindicatos e todos, homens e mulheres, irmos para os Sindicatos lutar! Sempre que os trabalhadores se unem e organizam concentrações de 100, 200, 500 e mais operários junto das sedes dos Sindicatos, as direcções — mesmo que sejam muito más — são forçadas pelo medo e pela vontade dos trabalhadores a fazerem alguma coisa, a darem passos no sentido de evitarem novas concentrações e o «escândalo»... Os trabalhadores não se devem deixar iludir com falsas promessas a longo prazo, devem exigir a acção imediata das direcções e marcar logo datas para voltarem todos a saber da resposta. Este é um passo muito importante.

(continua na 5.ª pág.)

MONSTRUOSA SENTENÇA DO MINISTRO DO INTERIOR

— QUE OS POBRES MORRAM À FOME!

Sob as ordens do nazi Arnaldo Schulz, ministro do Interior, começou em todo o país uma desumana e vergonhosa perseguição aos mendigos.

O governo de Salazar em vez de procurar limitar ou atenuar as causas que conduzem milhares e milhares de trabalhadores portugueses aos horrores da mendicância, da miséria mais atroz, escamoteia a realidade, foge a tratar das causas, só procura combater — à sua maneira! — os efeitos. Se o governo crissse um subsídio para os desempregados, o seguro na Velhice e na Invalidez — como têm feito tantos países civilizados — se realizasse uma política sé de fomento da indústria e da agricultura, se elevasse os salários das classes trabalhadoras, não se encontraria por todo o país essa vergonhosa mancha de miséria que é constituida por toda uma legião de famintos, estarrapados, chagados, que de terra em terra mendigam o escasso e amargo pão de cada dia.

Os governantes salazaristas — e a imprensa diária e a rádio por eles comandados — procuram dar a ideia falsa ao país que todos os mendigos são profissionais que vivem bem, pessoas que escolheram aquele «rendoso» modo de vida por não quererem trabalhar. Especulando torpemente com certos casos isolados, os salazaristas procuram apresentar a degradação e que chegaram milhares e milhares de portugueses, devido ao baixíssimo nível de vida da nossa população e à falta de assistência capaz às suas camadas mais pobres, como uma actividade que é preciso reprimir duramente.

Os governantes procuram tornar cada vez mais atroz a vida das classes

pobres. É dentro destes planos criminosos que devemos colocar a decisão de Julho deste ano da Câmara Municipal de Lisboa de suspender o pagamento da hospitalização dos pobres e indigentes, à semelhança do que têm feito já outras Câmaras Municipais. Trata-se, como se vê, dum plano concertado das autoridades salazaristas contra as classes pobres, no sentido de as privar de todo e qualquer auxílio.

Para que os ricos burgueses do país e as centenas de milhares de turistas estrangeiros não possam ficar mal impressionados com a legião de mendigos que arrasta a sua miséria impressionante pelas estradas, cidades, vilas e aldeias de Portugal, o governo resolveu ocultar-lhes dos olhos do público e exterminá-los por processos hitlerianos. É nisto que se resume a famigerada «Campanha contra a Mendicância» inventada pelo nazi Schulz.

A semelhança do que fizeram os governantes alemães hitlerianos, criando campos de concentração onde exterminaram milhões de judeus, democratas e patriotas, sujeitando-os à fome e aos trabalhos forçados, o ministro do Interior — formado politicamente na Alemanha nazi — ordenou que todos os portugueses pobres «que forem encontrados a mendigar sejam RECOLHIDOS pela P. S. P. e GNR, que lhes darão o destino mais conveniente». Esta «RECOLHA» equivale pura e simplesmente à prisão.

Os mendigos, depois de presos, serão enviados para campos de trabalho forçado, onde, mal alimentados, sujeitos a pesados trabalhos agrícolas, com os organismos já debilitados pela fome e pelas doenças — ou pela Velhice — terminarão rapidamente os seus dias! É isto, concretamente, o que o governo pretende!

O tubarão Pereira da Rosa, em artigo de fundo do jornal «O Século» de 12 de Julho, não teve vergonha de falar em campos de trabalho no país e no Ultramar destinados aos mendigos e onde, segundo Pereira da Rosa, eles «vão matar com os ossos». Vê-se, por esta amostra, que os salazaristas pretendem deportar os mendigos para as colónias, onde mais facilmente os poderão exterminar!

Portugueses de coração e patriotas! Lutemos por Subsídios de Desemprego para as classes trabalhadoras, exijamos o Seguro na Velhice e na Invalidez, lutemos por Salários mais elevados para todos!

PORTUGAL ARRASTADO PARA UM PERIGOSO CAMINHO

O que se trama no segredo dos ministérios e embaixadas é inquietante. Do que transpira das discursatas dos Botelho Moniz, Kauliza de Arriaga, Almeida Fernandes e outros, das visitas de Strauss e Eisenhower e de numerosos oficiais estrangeiros do Pacto do Atlântico a Portugal, da recente viagem do ministro da Defesa à Alemanha de Adenauer e à França, pode concluir-se que Portugal está sendo arrastado para um caminho escorregadio e muito perigoso.

Mas há ainda outros factos. A imprensa francesa noticiava há cerca de um mês que o ministro da Guerra da Alemanha Ocidental, Strauss, confirmara, num discurso pronunciado nos Estados Unidos, que tivera conversações em Paris com o general Botelho Moniz sobre a instalação de bases militares alemãs em Portugal. Por sua vez, consta que os «patrões» de Washington negociam com os lacaios salazaristas a instalação de bases de mísseis no Açores. De vez em quando correm boatos de que

OS MONOPÓLIOS E A BURGUESIA NACIONAL

No último número do «Avante» demonstramos que os trabalhadores são as principais vítimas da política monopolista do governo.

Mesa voracidade dos grandes monopólios não se alimenta exclusivamente da miséria e da exploração das classes trabalhadoras — alimenta-se também da ruína das classes médias, do esfacelamento económico dos pequenos e médios industrialistas, agricultores e comerciantes.

No esmagamento dos interesses destas classes, no reforçamento das posições de controle dos monopólios sobre a economia nacional, o governo salazarista tem agido como instrumento dócil de classe da oligarquia financeira. O esbulhamento dos sectores não monopolistas em benefício dos grandes senhores da banca, da indústria e da agricultura tornou-se lei e é abertamente preconizado pelos governantes salazaristas.

O actual ministro da Economia tem-nos afirmado vastas vezes nas suas declarações públicas com aquela brutalidade característica dos governantes fascistas. Em Fevereiro, por exemplo, afirmou significativamente que não estava disposto a «colaborar num simulacro de reforma» e eludindo o «impermissível» da protecção do governo aos industrialistas portugueses dizia que «áspero é o caminho para merecer o impermissível sombrio e o futuro dos que o não puderem ou não o souberem vestir».

Esta «tosta-de-ferro» dos monopólios verifica a cada passo as mais brutais ameaças contra os que não aceitam a canga monopolista.

Concentração industrial e liquidação da pequena empresa

A concentração industrial realiza-se sobre a liquidação maciça das pequenas e médias empresas industriais.

A chamada «lei da reorganização industrial» instituída por Salazar em 1945 e o «condicionamento industrial» outra coisa não são senão a destruição legal e organizada dos sectores economicamente fracos da indústria nacional em proveito dos monopólios. É significativo que o II Plano de Fomento consagre 2 milhões de contos para a concentração das indústrias de conservas, do têxtil, da cortiça, da metalurgia e metal-mecânica, da refinação de açúcar e do vidro, e ainda que nele se preconize a «expropriação» sem indemnizações das «instalações excessivas». Mas a concentração realiza-se facilmente em todos os sectores industriais como demonstram os exemplos das indústrias de moagem, panificação, dos sabões, resinosos, etc.

A este objectivo visam, igualmente, a criação da Corporação da Indústria e toda a organização corporativa incrustada nas actividades industriais do país.

O ministro Ferreira Dias parte da premissa verdadeira de que a pequena indústria não pode assegurar o progresso industrial do país para justificar, do ponto de vista de classe dos monopólios, a eliminação da produção de milhares de pequenas e médias unidades industriais. O caso da indústria de moagem é ilustrativo.

Há cerca de 2 anos foram agrupadas numa única organização industrial várias pequenas moagens da província sob a designação de «MOAGENS ASSOCIADAS». Pois agora, com a compra de 17.452 acções, a poderosa Portugal e Colónias, apossou-se do controle das «Moagens Associadas» e alargou assim os seus tentáculos na indústria moageira do país.

A hitorização das pequenas empresas eliminou já milhares de unidades.

Apenas em 5 anos, de 1953 a 1957, segundo a «Estatística Industrial», o número de estabelecimentos em 57 sectores da indústria transformadora baixou de 19 em cada 100, passando de 8.100 para 6.646. De 1957 para 1958 apenas em 36 destes sectores desapareceram da produção 224 unidades e em 67 sectores, dum total de 7.041 estabelecimentos industriais, 827, ou seja, cerca de 12 em cada 100, permaneceram inactivos.

Mais de 70 em cada 100 destas baixas afectaram unidades empregando menos de 50 operários.

O que agora se passa em relação à indústria de conservas no Algarve, com a falência em Clhão, em poucos meses de 7 fábricas, com outras 7 em encimência de fechar, é uma das cenas do drama da concentração monopolista. Na indústria de panificação na região de Lisboa só a resistência dos pequenos industrialistas de padaria tem impedido o seu esbulhamento e a sua passagem de industrialistas a simples empregados dos que se propõem monopolizar o fabrico e a venda do pão.

A monopolização da terra e a ruína dos camponeses

No capítulo da agricultura, a monopolização da terra faz-se num ritmo ainda mais elevado.

A pulverização da pequena propriedade rústica e, por outro lado, a concentração da propriedade nas mãos de um reduzido número de grandes latifundiários, tem aliado para a proletarianização e a indigência centenas de milhares de camponeses pobres e médios.

Num curto período de 13 anos, de 1938 a 1951 desapareceram por incorporação noutras prédios, mais de meio milhão de prédios rústicos.

A hipoteca e os empréstimos leoninos concedidos pelos bancos e usurários são a causa imediata da ruína de milhares de famílias camponesas e o meio pelo qual se realiza em alta escala a concentração da propriedade rústica. Apenas em 10 anos, de 1946 para 1956, as dívidas por hipotecas sobre prédios rústicos passaram de 176 mil a 600 contos para 285 mil e 300. A crescente penetração de capitais industriais na agricultura, agravando o absentismo, está a dar lugar ao aparecimento de grandes rendeiros capitalistas que acabaram igualmente as terras de muitos pequenos produtores.

Por este meio, pelo peso dos impostos, pela política de preços agrícolas do governo salazarista e outras formas, a área do latifúndio e da grande propriedade alarga-se a limites desmedidos, provocando uma extrema desigualdade na divisão da propriedade.

Segundo o «Inquérito às Explorações Agrícolas», as pequenas explorações de área inferior a 1 hectare, em número de 40 mil, ocupavam uma área total de apenas 177 mil hectares, enquanto que as grandes explorações, de área superior a 500 hectares, com o número irrisório de 838, ocupavam mais de 1 milhão e 800 mil hectares! Quer dizer, 400 mil pequenas explorações ocupavam apenas 1 por cento da área total enquanto que as 838 grandes ocupavam cerca de 50 por cento da área de todas as explorações agrícolas!

Verde-claros feudos absorvem como esponjas as pequenas e médias explorações agrícolas, grandes lavouras da terra exultam das suas terras avelãs que es adubaram com o seu suor e com as melhores priverações da sua vida familiar.

Alguns destes feudos chegam para maior a fome de terra de muitos milhares de famílias camponesas. São as propriedades de 4 dos maiores latifundiários — os duques de Cadaval e de Palmela, o Posser de Andrade e Samuel Santos Jorge — estendem-se por uma área superior a 95 mil hectares, aproximadamente igual à que possuem os 50.400 proprietários dos concelhos de Valença do Minho, Resende, Soare, Montemor-o-Velho e Cinfaes.

Num pequeno país como Portugal, tais dimensões da propriedade latifundiária são verdadeiramente chocantes.

Estes números dão inteiramente razão ao Partido Comunista quando aconselha os pequenos e médios industrialistas, agricultores e comerciantes a lutarem contra o regime salazarista, a travarem com ele um combate de vida ou de morte, e a unirem-se a todas as forças que se propõem derubar o salazarismo, a organizarem-se em defesa dos interesses comuns de todas as camadas afectadas pela política criminosas de Salazar.

(continua na pág. 6)

AMIGO E LEITOR, AQUELA FINANCEIRAMENTE O AVANTE!

LIBERDADES SINDICAIS...

(continuação da 3.ª pág.)

Em segundo lugar, é preciso escorregar das direcções dos Sindicatos todos os elementos vendidos ao patronato, todos os lacaios do I.N.T. e das autoridades salazaristas, fazendo eleger em grandes assembleias direcções de homens e mulheres honrados e cumpridores do seu dever. Para conseguir isto, é preciso termos as nossas colas em dia e direitos sindicais, irmos todos às assembleias gerais votar, apresentar, conforme estabelecem os Estatutos, listas para a direcção e fazer junto dos outros trabalhadores a propagação dessas listas. Uma direcção honrada à frente dum Sindicato pode servir em muito os nossos interesses, se nós o soubermos apoiar sempre com acções de massas e o não deixarmos ficar desamparada perante o patronato e os dirigentes do I.N.T. Para isso precisamos de fazer concentrações de apoio às direcções honradas nos Sindicatos e vigiar o seu trabalho. Este é um outro passo muito importante.

Em terceiro lugar, precisamos de lutar pela revisão dos Contratos Colectivos, de forma que os futuros contratos sejam discutidos em assembleias gerais, satisfação no fundamental as aspirações da classe e não sejam assinados sem nosso prévio consentimento. Para isso é preciso que, através de grandes concentrações nos Sindicatos, o patronato e os dirigentes do INT saibam que estamos todos firmemente unidos e dispostos a lutar por essas aspirações.

Como poderemos nós conseguir estas vitórias sindicais?

Por uma forma muito simples: PELA NOSSA UNIDADE!
A nossa unidade de acção nem sempre é fácil de alcançar nas condições que o fascismo nos impôs. Mas, se nós formos capazes, nas fábricas, nas oficinas, nos bairros, nas ruas, de nos organizarmos para irmos no maior número possível ao nosso Sindicato, de forma a juntarmos lá, dentro da sede, ou em frente da sede, 100, 200, 500 ou 1.000 trabalhadores, nós temos forjado a arma capaz de nos dar a vitória, de satisfazer as nossas aspirações, leremos construído a nossa unidade. Para vencermos os nossos inimigos, para forçarmos o recuar os patrões, os dirigentes do I.N.T. e muitas vezes, até o próprio ministro das Corporações (que é o nosso inimigo mais poderoso), precisamos de ir várias vezes ao Sindicato e sempre em número cada vez maior! Se a uma concentração de 100, sucede uma de 200 e se à de 200 sucede uma de 500 ou de 1.000, temos todas as probabilidades de vencer. O contrário é que é perigoso. É isso que a experiência nos ensina!

Unidos, firmes na luta, vigilantes perante as manobras do inimigo, nós poderemos fazer dos SINDICATOS armas decisivas na luta sagrada que travamos por melhores salários e ordenados, por melhores condições de vida!



DISCURSO DE N. KRUTCHOV NO III CONGRESSO DO PARTIDO OPERÁRIO DA ROMÉNIA

Falando em nome da delegação do P. C. U. S. no III Congresso do P. C. da Roménia, N. Krutchov deu alto apreço aos êxitos alcançados pelo povo romeno após o estabelecimento do poder popular no país.

Indicou que os êxitos económicos do socialismo robustecem o poderio dos estados socialistas, permitem eixar inflexivelmente o bem estar do povo e resolver mais depressa a tarefa principal: a construção da sociedade comunista.

Está próxima a hora histórica em que os povos de todo o mundo, depois de terem compreendido plenamente que o capitalismo está condenado e de se terem convencido da superioridade do novo regime social, escolherão o novo sistema, como a única via razoável e feliz de desenvolvimento da humanidade.

Em seguida, N. Krutchov, referiu-se aos problemas das relações internacionais, aos problemas da guerra e da Paz.

Os comunistas, afirmou, compreendem perfeitamente que nas condições actuais é indispensável estruturar as relações entre os Estados dos dois sistemas mundiais de tal modo que fica excluída a possibilidade de surgimento de guerras entre Estados. Referindo-se à Conferência dos chefes de governo em Paris, N. Krutchov disse: «O que ocorreu em Paris não é um fenómeno casual, é uma tática do imperialismo.

Os imperialistas, chefiados pelos círculos agressivos dos E. Unidos foram e continuam sendo adversários da política de coexistência pacífica entre os Estados. Isso faz perder a cabeça a alguns indivíduos que não hesitam em dar passos que podem ser denominados abertamente de provocadores.»

N. Krutchov classificou de invenções absurdas e mentiras insolentes as afirmações de que os voos de espionagem de aviões americanos são necessários para garantir a segurança dos Estados Unidos.

«As informações sobre a localização das bases de foguetões podem ter significado, mas não para um país que se preocupa com a sua defesa. Elas só podem ter significado para um país que teme uma agressão. Sabemos que quando um acção irrompe no espaço de outro Estado sem licença, isso é um acto de agressão, uma provocação e como tal o país deve defender-se. E que meios existem de defesa? Abater os aviões e desfechar golpes sobre as bases das quais eles descolam.»

Disse ainda N. Krutchov: já está claro para toda a gente que os E. Unidos torpedearam a Conferência por não terem nenhuma proposta construtiva para discutir nessa Conferência.

A delegação soviética, pelo contrário, não foi à Conferência com a pasta vazia, levou propostas concretas que não conseguiram discutir, mas não por culpa dela.

Embora essa Conferência tenha sido matrograda pelos círculos agressivos dos E. Unidos, nem por isso desapareceram os problemas internacionais candentes que requerem como antes a sua solução.

A fim de conseguirmos o estabelecimento de relações normais entre Estados e excluir a possibilidade duma nova guerra mundial é necessário solucionar a questão do desarmamento universal, destruir os meios de fazer a guerra e dissolver as forças armadas dos Estados sob o controle internacional correspondente. É necessário liquidar os restos da segunda guerra mundial, concluir o Tratado de paz com os dois esta dos alemães e sobre essa base resolver o problema de Berlim ocidental.

A U. Soviética e os outros países socialistas, sublinhou Krutchov, estão dispostos a enviar os seus representantes para assinar o tratado de desarmamento universal e assinar o tratado de paz alemão.

Temos exortado reiteradamente as potências ocidentais a manifestar boa vontade. O governo soviético tem feito todos os esforços para que as relações entre a União Soviética e os E. Unidos que começavam a normalizar-se, continuassem a desenvolver-se, mas os dirigentes americanos tudo fizeram para que o mundo retroceda aos piores tempos da guerra fria.

Todos os povos querem a paz, incluído o povo americano, disso não tinha a mínima dúvida antes da minha viagem aos E. Unidos, disse N. Krutchov, e convenci-me especialmente disso durante a minha estadia lá.

«E se agora, devido ao malogro da Conferência, devido às mentiras, calúnias e à mobilização de todos os esforços para atizar a guerra fria há quem se deixe levar pela embriaguez, isso é um fenómeno passageiro que cedo ou tarde dará lugar a uma situação sadia.

O que sucedeu é uma manifestação das convulsões do imperialismo. Os círculos agressivos continuarão provocando. Não tencionamos deixar-nos arrastar a provocações e desviar-nos da linha geral da nossa política externa. Ela consiste na coexistência, no fortalecimento da paz, no alívio da tensão internacional e na liquidação da guerra fria.

A tese de que no nosso tempo a guerra não é inevitável, proclamada pelo XXI Congresso do P. C. U. S. tem relação directa com a política de coexistência pacífica.

Agora cresce e fortalece-se a poderosa U. Soviética com o seu enorme potencial militar e económico. Cresce e robustece-se o grande campo socialista, o qual conta actualmente com mais de 1 bilhão de homens.

Agora regem factores como o amplo Movimento dos Partidários da Paz e aumentam o número de Estados que se pronunciam pela Paz entre os povos. Também se pode observar que

o imperialismo não tem agora a retaguarda em forma de sistema colonial que tinha antes.

Tudo isso nos dá motivos para dizer com firmeza que nas condições actuais a guerra não é inevitável.

Aquele que não compreende isto, não crê nas forças e nas possibilidades criadoras da classe operária, subestima o poderio do campo socialista, não confia na grande força de atracção do socialismo que demonstrou com toda a evidência a sua superioridade sobre o capitalismo.

Os imperialistas americanos e a sua política aventureira, disse ainda N. K., desprestigiaram-se tanto que eles se tornaram odiados não só pelos povos dos países socialistas como também pelos povos dos Estados aliados seus.

O sanguinário fantecho Singman Ree saltou vergonhosamente da Coreia do Sul, o ex-primeiro ministro da Turquia, executor obediente da vontade dos americanos está encarcerado, até mesmo em Taiwan, ilha ocupada pelos americanos, apesar do terror de Chan Kai-Chek, a embaixada americana foi assaltada.

Sabeis muito bem que milhões de japoneses se pronunciam com desprezo e ódio contra os ocupantes americanos.

N. Krutchov desejou ao povo japonês que ele consiga a anulação dos acordos e tratados desiguais em direitos que lhe são impostos.

Nós, disse N. Krutchov, aplaudimos a luta corajosa do povo japonês e estendemo-lhe a nossa amizade.

O PARTIDO COMUNISTA DE ESPANHA REALIZOU O SEU VI CONGRESSO

Nos últimos dias de Janeiro passado realizou-se o VI Congresso do Partido Comunista de Espanha.

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Congresso do Partido irmão uma calorosa saudação na qual se salientava a fraternidade de interesses dos povos de Portugal e Espanha e a necessidade de estreitar ainda mais no futuro os laços de amizade e a colaboração de luta entre os dois povos a fim de sacudir o jugo dos dois tiranos fascistas que os escravizavam: Salazar e Franco.

Os materiais do Congresso, agora chegados até nós, dão a ideia do entusiasmo e do interesse dos congressistas pelos problemas debatidos.

O Congresso ouviu o informe do Comité Central apresentado pelo camarada SANTIAGO CARRILLO, Secretário geral do Partido, e um informe da camarada DOLORES IBARRURI, Presidente do Comité Central relativo ao 40º aniversário do Partido Comunista de Espanha. O camarada FERNANDO CLAUDIN apresentou um informe sobre as alterações introduzidas no Programa do Partido.

O informe do camarada SANTIAGO CARRILLO fez o balanço das ricas experiências da luta travada nos últimos anos pelos trabalhadores e o povo de Espanha contra a ditadura franquista, esboçou o quadro da situação espanhola, e apontou as principais tarefas do povo espanhol e do Partido Comunista de Espanha.

Aludindo às tarefas imediatas do Partido, o camarada CARRILLO dizia a certa altura do seu informe: «Hoje a tarefa mais urgente é mobilizar as massas da cidade e do campo, a pequena burguesia e a burguesia não monopolista contra o Plano de Estabilização e as suas catastróficas consequências».

No seu discurso de encerramento, no qual salientava o apoio unânime dos congressistas à linha traçada pelo Comité Central, o camarada CARRILLO disse, entre outras coisas, que «Para nós, comunistas, a questão mais urgente é criar um bloco de forças — partindo da unidade da classe operária e da aliança desta com os camponeses — suficientemente amplo e forte para por fim à ditadura franquista».

O camarada CARRILLO fez a certa altura do seu informe uma referência ao nosso Partido que muito nos sensibilizou. Disse ele: «Desto tribuna enviamos a nossa fraternal saudação aos heróicos camaradas do Partido Comunista Português a quem nos sentimos entranhadamente unidos, numa luta que em muitos aspectos é comum. Desejamos-lhes muitos êxitos, a pronta libertação do seu país, e sobretudo feli-

citamo-los por haverem arrancado às mãos salazaristas um dirigente tão estimado por nós e por todo o movimento operário e comunista, como Álvaro Cunhal».

No seu informe sobre o 40º aniversário do Partido Comunista de Espanha, a camarada DOLORES IBARRURI referiu-se aos principais passos da história do Partido, ao devotamento sem limites dos comunistas espanhóis ao seu povo e ao seu país, à sua heróica participação na guerra civil espanhola, onde o Partido Comunista de Espanha foi a alma da resistência do povo espanhol contra a rebelião franquista.

Em relação com este período sombrio da vida do povo espanhol diz a camarada DOLORES: «Apesar do tempo transcorrido, e quando a guerra é já um feito histórico, o papel jogado pelo Partido Comunista na luta contra a sublevação franquista, continua hoje, todavia, sendo estimado e valorizado pelo povo em toda a sua profundidade e transcendência».

Aludindo depois à acção do Partido depois do triunfo da ditadura fascista e à política de reconciliação nacional preconizada pelo Partido, DOLORES IBARRURI finaliza o seu informe dizendo: «Do triunfo desta política depende em não pequena parte o destino da Espanha e o futuro da democracia no nosso país».

O VI Congresso do heróico Partido Comunista de Espanha mostrou uma vez mais a sua indestrutível ligação às massas do povo espanhol e a sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

MENSAGENS PARA OS OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS DE VIANA DO CASTELO

MARGEM SUL — «Os Metalúrgicos da Margem Sul solidarizando-se com os operários de Viana do Castelo, enviam, através do «Avante!», fraternal saudações pela luta por aumento de salários, exortando-os a lutarem até alcançarem a vitória». Maio de 1960.

LISBOA — «Os operários metalúrgicos progressistas de Lisboa apoiam inteiramente os seus camaradas de Viana do Castelo na sua luta pelo aumento de salários». Maio de 1960.

Saudação de Prestes

Recebemos do camarada Luís Carlos Prestes, a seguinte saudação que muito nos sensibilizou:

Ao Comité Central do Partido Comunista Português.

Queridos Camaradas:

Ao tomar conhecimento de que Álvaro Cunhal e outros camaradas do Partido Comunista Português alcançaram a liberdade e retomaram os seus postos de combate, após se evadirem da fortaleza de Peniche, onde estavam encarcerados pela ditadura salazarista, os comunistas do Brasil saudam o Partido Comunista Português e o bravo povo de Portugal.

É para nós motivo de regozijo verificar que a luta pela instauração de um regime de liberdade e legalidade em Portugal atingiu já o elevado nível que permitiu, nas condições de terror e violências do actual regime fascista português, a evasão desses patriotas de uma das piores bastilhas salazaristas.

Saudando todas as forças anti-salazaristas, fazemos votos pela sua mais completa unidade e pela mais rápida solução dos problemas político português. Ao mesmo tempo reafirmamos a nossa disposição de prosseguir ao lado do movimento operário e democrático internacional no trabalho de solidariedade aos presos e perseguidos políticos da ditadura salazarista e pela sua imediata libertação.

Saudações comunistas

Luís Carlos Prestes

PORTUGAL ARRASTADO PARA UM PERIGOSO CAMINHO

(continuação da 5.ª pága.)

são escrupulosamente cumpridas — a independência nacional é posta de rastos. Botelho Moniz, eufórico da sua visita aos seus comparsas nazis, falava há poucos dias de «pequenas facilidades» concedidas à Alemanha. Salazar e Franco reuniram-se um Mérida para coordenar planos belicistas comandados pelos americanos e estreitar os laços das duas ditaduras. As fábricas portuguesas de material de guerra trabalham afanosamente para satisfazer fornecimentos à Alemanha.

Este é um brevíssimo apontamento de alguns acontecimentos de muito grave significado. Mais grave ainda aliado à natureza fascista do governo português e se não esquecermos que também anda empenhado em preparativos dum outro tipo de guerra: a guerra colonial.

A luta pela paz é hoje uma tarefa vital e urgente de todos. As forças mais reaccionárias do mundo esforçam-se por passar da «guerra fria» à guerra quente. São disso prova as provocações colonialistas e imperialistas no Congo e em Cuba, os actos de espionagem dos americanos, a sabotagem da Conferência de Alto-Nível e agora da Comissão dos 10 para o desarmamento.

O povo português deu já belos exemplos de luta em prol da paz. No momento que vivemos, nacional e internacionalmente, o povo português tem sobejos motivos para inquirir-se para levantar de novo a bandeira da paz.

Exijamos que sejam prestadas contas ao País e que se fale claro ao povo.

Reclamemos junta do governo uma política de neutralidade e, para isso, que as tropas e oficiais estrangeiros saiam do território português, que o Brasil se retire da NATO. Que as forças expedicionárias em Goa e em Angola regressem imediatamente aos seus lares. Que a questão colonial seja resolvida por meio de negociações livres com os povos nativos.

Promovemos iniciativas de paz, desmascaremos os perigosos conluios de Salazar e os militaristas de Bonn e de Washington.

Cabe-nos, a todos, defender a nossa Pátria dum hecatombe, defender a vida dos nossos filhos, defender o futuro dos todos nós.